

## O EU E O NÓS

Murilo César Ramos

14/05/2019

A Universidade de Brasília surgiu na minha vida em 1970. Com cinco colegas do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), viemos aqui para participar de um seminário internacional sobre Comunicação e Desenvolvimento. Fomos atraídos pela busca por um tipo de conhecimento acadêmico que passava longe do nosso curso em Curitiba e para conhecer a cidade que alimentara o imaginário de nossa geração durante o tempo da sua construção.

O resultado daquela viagem, para mim e meus colegas, foi uma epifania. Voltamos para Curitiba embasbacados.

Aquela tinha sido uma experiência para ser levada aos demais colegas, para ser compartilhada de modo a causar algum impacto na estrutura do curso de Jornalismo da UFPR. A ideia foi realizar um seminário que seria ministrado pelos professores de Brasília. Como achávamos que a proposta poderia não ser encampada pela coordenação do curso, resolvemos ir direto à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. A estratégia funcionou: a Faculdade assegurou recursos financeiros e logísticos para a realização do seminário, que foi ministrado pelos professores Marco Antônio Rodrigues Dias, José Salomão Amorim e Luiz Gonzaga Motta.

O convívio com os professores da UnB resultou no convite que o professor Luiz Gonzaga me fez, no final de 1971, para que eu, mediante os arranjos administrativos pertinentes, viesse substituí-lo. Eu seria professor colaborador quando ele saísse para o seu doutorado no ano seguinte. Entretanto, como me graduaria só no final de 1972, o convite teria que esperar. Vim a Brasília, naquele ano, para discutir com o

professor Salomão, chefe do Departamento de Comunicação, a possibilidade de contratação, que, entretanto, não se concretizou naquele momento. Ela só aconteceria no final de 1974, mas não como eu havia pensado. Por indicação do professor Marco Antônio, assumi a chefia da Seção de Relações Públicas e Imprensa da Reitoria, acumulando ainda a Chefia de Gabinete do Reitor – primeiro, de Amadeu Cury, depois de José Carlos Azevedo, reitores de cujas administrações Marco Antônio foi, respectivamente, Decano de Extensão e Vice-Reitor.

Há quase 42 anos, no dia 6 de junho de 1977, por força das funções que exercia na Reitoria da Universidade da Brasília, testemunhei o comandante da Polícia Militar do Distrito Federal sentar-se na cadeira então ocupada pelo reitor José Carlos Azevedo para comandar, ao telefone, a invasão do campus por tropas armadas e camburões. Desde o segundo semestre de 1976, quando Amadeu Cury ordenou a expulsão de sete estudantes por lideraram a tentativa de recriação de um Diretório Universitário, a UnB vivia clima de repressão semelhante ao que vivera em 1964 e 1968.

Naqueles idos de junho de 1977, a Universidade de Brasília não tinha seu Conselho Universitário ainda constituído. Isto só ocorreria após uma corrida desenfreada contra o tempo. Em 17 de junho, apenas onze dias depois da invasão, o Conselho referendou o ato do reitor que expulsara 16 alunas e alunos tidos como as lideranças da manifestação que ocorrera no campus, no dia 19 de maio, no Dia Nacional de Luta por Liberdades Democráticas e Anistia a Presos Políticos. Foi, pois, neste mesmo Auditório que assisti o Conselho Universitário executar a primeira – e paradoxal –, missão da sua história, a única razão de ter sido então constituído: a de expulsar, por virtual unanimidade, os 16 estudantes. Foram votos dissidentes apenas a minguada representação estudantil, de quatro integrantes; o Vice-Reitor Marco Antônio Rodrigues

Dias, e o Diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, José Carlos Coutinho.

Mas, o que eu jamais poderia imaginar, depois de ter vivido o que vivi naquele período, é que voltaria a este Auditório, 42 anos depois, premido por uma angústia se não maior, pelo menos igual, a daqueles tempos abertamente autoritários.

Nosso campus hoje – e não apenas o nosso, ressalte-se – está cercado por forças talvez mais retrógradas do que as daquela época. Porque naquela época, até mesmo o Ministério da Educação havia se empenhado francamente em uma negociação para evitar as punições na UnB.

Hoje, o cerco à Universidade de Brasília e à universidade pública em geral é comandado pelo próprio Ministério da Educação, e o que está por trás não é uma batalha entre democracia e ditadura, mas uma batalha entre razão e ignorância.

Por isso, nossa resistência hoje tem que ser uma resistência em defesa do conhecimento, da integridade secular, e universal, das instituições acadêmicas, que estão sendo agredidas por indivíduos boçais, medíocres até a medula, idiotas praticantes do que vou chamar aqui, a título de provocação, de epistemologia do ressentimento.

Nossa resistência agora tem que ser, ela também, multidisciplinar, tem que ser teórica e conceitualmente plural, academicamente includente, livre dos ranços disciplinares que, muitas vezes, nos polarizam e nos afastam, em detrimento do próprio avanço do conhecimento que deve ser a razão de existirmos em uma universidade. O que está em curso – e é preciso que tenhamos isto muito claro – é a banalização do saber, da pesquisa, do ensinar e aprender, em nome de uma guerra cultural regressiva, proto-medieval, fundamentalista, profundamente perigosa,

porque farsesca, e a farsa, como muitos sabemos, é o prelúdio da tragédia.

De resto, quero dizer que, muito antes de mim, houve uma professora na família, minha irmã Tânia Regina Oliveira Ramos. Ela sempre emanou o mais profundo amor pela educação, desde quando lecionava aulas particulares, que iam do Português à Matemática, na sala da casa de nossos pais, Valdívia e Aureliano, até sua exemplar carreira na Universidade Federal de Santa Catarina, no ensino e na pesquisa de estudos literários, e na criação do seminal Instituto de Estudos de Gênero.

Por fim, meu amor mais profundo para Marilene, Fernanda e Raquel, esposa e filhas; e meu carinho incondicional para com Nelson e Samuel, genros e amigos. A vocês devo tudo o que sou, de vocês recebi a dádiva maior que a vida poderia me dar: um lar amoroso de que espero ser merecedor, e os netos adorados, Diogo, Júlio e Antônio.

Muito obrigado!